

Ermida de Nossa Senhora da Conceição em Braga

Esses tempos de cavallaria e de emprezas atrevidas, cuja poesia se estampava nos edificios sob mil fórmas variadas e graciosas, deixaram poucos monumentos na cidade de Braga. Mas d'esses poucos extremam-se dois por muita elegancia e belleza. Levantados no ultimo periodo da architectura gothica, são dois formosos specimens d'aquelle estilo architectonico, que nós chamâmos *gothico-florido*, e que tão perfeitamente retrata a florescencia de Portugal no reinado de D. Manuel, o afortunado.

Os monumentos a que alludimos são a capella-mór da Sé, e a ermida de Nossa Senhora da Conceição. Agora só fallaremos da segunda, que é o objecto da gravura junta. Esperâmos, para tratar da primeira, occasião mais opportuna.

Foi fundada a ermida de Nossa Senhora da Conceição em 1512 por João de Coimbra, provisor do arcebispo primaz D. João de Sousa. Está situada em um dos topos da rua de S. João do Souto, ficando-lhe defronte, no outro topo da rua, a capella-mór da sé.

Tem esta ermida a fórma de uma torre quadran-

gular, toda de pedra, e dividida em dois pavimentos. No inferior está a capella de Nossa Senhora, e no superior uma sala, que serviu outr'ora de archivo do morgado instituido pelo mesmo João de Coimbra.

Dá entrada para a capella um vestibulo resaído, coroado de estatuas, e fechado em toda a largura da sua frente com grades e portas de ferro, ficando as ultimas entre duas esbeltas columnas de pedra.

As estatuas que coroam este vestibulo representam: as da frontaria, Santo Antão, abbade, e S. Paulo, primeiro eremita; as lateraes um centauro e um satyro; anomalia muito usada nas edificações religiosas d'aquella epocha!

Ao pé de Santo Antão estava antigamente a figura de um corvo, que já não existe. Junto de S. Paulo vê-se um leão deitado. Por baixo, no friso da cimalha, lê-se a seguinte inscripção: *Anthonius — Corvus — Paulus primus eremita.*

O corpo superior da ermida é adornado de estatuas nos angulos e por baixo das janellas. Rendilhados baldaquinos, de mui delicados lavores, fazem docel ás estatuas. As da frontaria são: Nossa Senhora da Conceição, no centro, e actualmente mettida em nicho envidraçado; e S. João Baptista e S. Paulo nos dois angulos. Na frente lateral, que a nossa estampa representa, está S. Pedro, no meio. Não nos lembrâmos do nome do santo que corresponde n'essa frente a S. Paulo. Na face opposta á principal a estatua do centro é de Santo Antonio. Não nos recordâmos da invocação das outras.

As janellas são de volta redonda, com delgadas columnas no centro, que servem de base á laçaria de brincados relevos. Cada fachada tem a sua janella.

Guarnecem a cimalha, em volta do telhado, muitas biqueiras de pedra, de feitios diversos, figurando animaes, algumas de extravagante invenção. Sobre a cimalha corre uma fileira de pequenas pyramides floreadas. A grimpa, que remata o vertice do telhado, tambem tem bastante originalidade. N'ella se vêem representados o globo, a lua, o sol, e o sagrado emblema da redempção.

O edificio mostra exteriormente seus estragos. Em algumas janellas falta-lhes a columna que as dividia; e em varias estatuas os braços.

Todas as figuras são de muito soffrivel desenho, e algumas talvez que se possam chamar bellas, sem offensa da arte, sobre tudo se se compararem com as que geralmente se vêem por toda a provincia. O leão que avulta sobre o vestibulo é obra de bom estilo de esculptura. Tem o porte magestoso que compete ao rei das selvas.

O portal da capella, entrando pelo vestibulo, é formado por varias columnas, e ornado de lavores. As duas meias portas de madeira são de talha relevada com muita diversidade de feitios.

A capella é pequena. Cobre-a uma bem fabricada abobada de laçaria de pedra. Encerra dois altares, um na frente da porta, e outro á esquerda d'este, cujo retabulo é todo de pedra, com suas columnas torcidas, e muitas figuras de anjos, e diversos ornatos em meio relêvo.

Com grande escandalo da arte e do bom gosto, todo o retabulo está caiado e pintado a côres vivas e grosseiras. Pelo menos assim se achava quando o vimos pela ultima vez, ha poucos annos.

Este altar é o principal, e corresponde a um grande arco, orlado de renda, que se abre em toda a largura da parede fronteira.

O arco, fechado com grade e portas de ferro, deita para a egreja parochial de S. João do Souto.

Este templo, para o qual a ermida serve de capella do corpo da egreja, foi edificado pelo arcebispo D. Diogo de Sousa ao mesmo tempo que o seu provisor, João de Coimbra, edificava a ermida. Ergueu-se pois a parochia de S. João do Souto ataviada com bastantes galas da architectura gothica, que bem revelavam a munificencia do fundador. Sendo necessario, infelizmente, em eras modernas, proceder a importantes obras de reconstrucção no templo, despojaram-no de todas as bellezas e adornos do estilo gothico. Para memoria, e como amostra do que foi a egreja de S. João do Souto, conserva-se uma formosa porta, de archivolta toda lavrada em columnas, figuras de anjos, flores e fructos. Mas não se conserva no templo. Os que desejarem vel-a hão de ir a uma travêssa, ou *congosta*, como alli lhe chamam, que desemboca no campo de Sant'Anna, e alli a encontrarão servindo de porta de um quintal.

Na mesma rua de S. João do Souto, e proximo da ermida de Nossa Senhora da Conceição, existe um pequeno palacio bastantemente arruinado, onde se admiram cinco grandes e mui formosas janellas, cada uma da sua feição, differente, e construidas, como a capella, segundo o estilo gothico-florido. Este palacio foi tambem edificado por João de Coimbra para sua residencia.

Conta-se ainda hoje em Braga, que João de Coimbra, nos rendimentos que annexára á capella de Nossa Senhora da Conceição, designára um carro de pão por cada uma das estatuas que a adornam. Não sabemos se a tradição é verdadeira. Consignamol-a aqui, porque a achâmos curiosa e singular.

O morgado que o fundador instituiu, e annexou á capella, rendia então quinhentos mil réis. Ora, n'uma epocha em que o alqueire de trigo regulava de 15 a 20 réis, aquella quantia correspondia certamente a muitos mais carros de pão, que o numero das estatuas. N'aquella provincia entende-se por carro de pão um moio de grão; e não se designando este, é de ordinario milho de que se trata.

Resta-nos dizer duas palavras ácerca de outra capella, contigua á de Nossa Senhora da Conceição, e que tambem se vê representada na estampa que acompanha este artigo.

Fallando das estatuas, que guarnecem exteriormente a ermida de Nossa Senhora da Conceição, dissemos que era de Santo Antonio a que está no centro da fachada opposta á principal. Pela sua posição no lado inferior do edificio, começou o povo a chamar-lhe *Santo Antonio, o esquecido*. Teve o santo lisbonense tantos devotos, e tão repetidos milagres lhe attribuiam estes, que a final lhe construiram uma capella nas costas da outra; de modo que a estatua do thaumaturgo não mudou de situação com ser orago de uma nova ermida.

A imagem de Santo Antonio, o esquecido, está grosseiramente pintada no muro das escadas que sobem para a sua capella. Uma abertura por baixo d'este painel ainda ao presente recebe ampla colheita de esmolas. Na occasião em que o nosso primoroso desenhador, o sr. Nogueira da Silva, estava tirando a vista que hoje damos em gravura, veiu o padre capellão abrir este mealheiro, contar, e recolher n'uma bolsa aquella perenne contribuição dos fieis. Parece que esta arrecadação se faz todos os dias.

Com fidelidade photographica reproduziu o nosso artista este acto de fiscalisação religiosa.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A presença dos homens sabios é tão dilatada como sua fama, e esta como a terra; se não os houvessemos de louvar em sua presença, não poderiam jámais ser de nós engrandecidos. Porém como Deus é quem se glorifica em suas obras, quando d'estas denunciâmos a perfeição, melhor o louvâmos a elle que a ellas.

D. FRANCISCO MANUEL.

CHIQUINHO

(IMITAÇÃO DE UM ROMANCE DE CARLOS DESLYS)

(Vid. pag. 188)

IV

Depois de uma nova pausa, Rodrigo proseguiu assim:

N'esse mesmo dia, Chiquinho jantava em casa do fidalgo, não com os criados na cozinha, mas á propria mesa da familia.

No dia immediato, a senhora D. Eugenia, passando por nossa casa, dignou-se entrar.

— Deixam que eu vá passear com o meu manosinho? — perguntou-nos, com um tão doce sorriso no seu branco semblante, que parecia um raio de sol sobre a neve.

Já poderá pensar se acceitámos com alegria, e se nos sentimos orgulhosos de tanta honra.

Durante a tarde, Margarida pareceu-me singularmente triste, e, como eu lhe perguntasse a causa, respondeu-me:

Um dia inteiro sem abraçar meu filho! É tão comprido um dia assim!

Foi a menina, que á noite nos trouxe o Chiquinho a casa. A criança correu a lançar-se ao pescoço da mãe, que lhe estendia os braços. A donzella contemplou este quadro durante um instante, deu-nos as boas noites, caminhou na direcção da porta, parou outra vez, pareceu hesitar, e finalmente disse-nos:

— Ainda me atrevia a pedir-lhe o Chiquinho para ir hoje jantar comnosco, se não receasse prival-os...

Ia responder eu, quando Margarida me cortou a palavra.

— Francamente.... sim.... isso ia amofinar-me muito! teve ella a coragem de replicar. E depois, minha menina, bem vê que não é bom que filhos de gente pobre, como nós somos, se costumem ao pão alvo!

— Tem razão. Boa noite, Chiquinho,... e até ámanhã!

Abraçou a criança e saiu,... mas com um suspiro de saudade que me cortou o coração.

— Foste cruel para com esta menina! disse eu a minha mulher, assim que se fechou a porta.

— Póde ser! respondeu ella. Tenho tanta pena d'isso como tu... Mas que queres? Sou sua mãe!

Para reparar o tempo perdido, poz-se a cobrir o pequeno de caricias. Depois, metade por curiosidade e metade por ciume, desafogou em perguntas sobre os mais leves incidentes do dia e do jantar da vespera. Pobre mulher! Tudo aquillo era martellar para se convencer bem de que o filho não se havia esquecido d'ella, e que a amizade nova pela menina não prejudicava a sua affeição por nós, nem lhe deixava saudades a mesa do fidalgo. Oh! as mulheres!... Bem vê o senhor... as mulheres sempre hão de ser mulheres!

Felizmente Chiquinho não tem nada de ingrato... nem mesmo o estomago. Não só nos fez festa a nós, mas ao nosso feijão com couve. Que coraçãosinho de pomba! Não foi capaz de se esquecer tão pouco da menina D. Eugenia, e, durante a noite, repetiu-nos umas poucas de vezes:

— Eu bem sei que não é a Catharina, mas, da mesma fórma que ella, tem ar de doente;... e tenho medo que, como ella tambem, nos fuja um dia, e não volte!

Margarida, que ficou socegada, disse em fim a seu filho:

— Está bom... Está bom! Deixar-te-hei ir em companhia d'ella ámanhã, mas não ha de ser o dia todo; quéro tambem o meu quinhão!

Á hora em que a menina D. Eugenia tinha vindo na vespera, Chiquinho esperou-a debalde na rua, e o sino do meio-dia deu as tres badaladas sem ninguem da familia haver descido ainda á praia! Fomos para a mesa, tristes todos tres. A criança sentia-se vagamente inquieta; eu tinha no coração como que uma saudade; Margarida, pelos modos, tinha como que um remorso.

De repente abriu-se a porta, e o sr. Xavier da Fonseca appareceu. Tinha o ar desesperado e abatido; sem nos saudar, nem mesmo parecer que nos via, veiu lentamente sentar-se n'uma cadeira baixa, e deixando cair a fronte sobre a mão, murmurou n'um tom de voz que agoniava ouvir-se:

— Minha filha está peior hoje... está hoje bem mal, a minha pobre filha!

Acercámo-nos em redor d'elle todos tres, mas elle não pareceu ver senão Chiquinho, e, pondo-lhe a mão na cabeça:

— A companhia d'este menino fez-lhe bem! proseguiu. Antes de hontem, jantára com bom appetite, hontem á noite não comeu nada... e esta manhã sentiu-se fraca de mais para ir ao banho, e respirar este ar, que, dizem, lhe ha de dar a vida! O que sobretudo me inquieta é vêl-a triste. Consintam que eu lhe leve esta criança, que parece ter o dom de lhe acordar o coração e de a fazer sorrir. Dar-lhes-hei em troca, tudo que possam pedir-me. Sou rico, muito rico... e muito infeliz, creiam: vamos, digam, que pedem?

Minha mulher e eu quizemos protestar o nosso desinteresse, ainda que, para fallar verdade, tivemos assim como quem diz um palpite de fortuna. E depois, o que se arranja e o que se ganha, tudo serve para os nossos.

O sr. Fonseca interrompeu-nos:

— Ouçam... quero terminar já este negocio. Não é um capricho, é uma amizade duradoura e sincera que minha filha concebeu por Chiquinho. Hontem á noite, afflicta por não o ter a seu lado, disse-nos ella: — O pequenino toma-me por uma irmã que lhe morreu; eu tomo-o por um anjinho de Deus, que vem dizer-me da sua parte: Viverás! Preciso d'elle; é a minha felicidade, é a minha saude! » E esta a crença de Eugenia, e succede justamente que está hoje peior. Espiritos fortes acoimariam isto de criancice; eu quero antes ver n'estas coisas o dedo da Providencia. Accresce, que julgo n'esta occasião um dever o prevenir todas as phantasias de minha filha, e obedecer cegamente a todas as suas vontades, porque, a cada uma, digo eu sempre a mim proprio — « Quem sabe se será esta a ultima, e se eu em breve já não terei que fazer despezas senão com o seu tumulo!...» Peçam-me o que quizerem, repito. Ha n'este logarejo uma porção de terreno que desejam? Se esta casa em que habitam não é propriedade sua, querem que a compre para si? Digam... Não receiem ser exigentes! Mas preciso de Chiquinho, preciso d'elle todos os dias! De mais, seu filho tem tudo a ganhar n'isto; Eugenia dá-lhe lições, a mestra ajudal-a-ha, e eu proprio completarei a sua obra. Faremos d'elle coisa maior do que um aldeão, prometto-lhes; e longe de me ficarem obrigados, guardarão direitos eternos ao reconhecimento de um pobre pae, cuja filha haverão salvo, talvez! Consentem, não é verdade? Onde está Chiquinho?

Dizer o que havia de sensação, de bondade, de dolorosa esperança n'esta longa supplica, seria impossivel.

Durante um instante, olhámos-nos em silencio, Margarida e eu. Nos olhos cheios de lagrimas da mãe lia-se um violento combate. Oh! É que ella pre-

sentia já que não era apenas para em quanto estavam em Giraldes, que era para Lisboa tambem, que era para sempre que se lhe pedia seu filho.

— Mulher, disse eu em fim, é preciso responder. O sr. Fonseca tem razão, deves pensar n'isto — é para bem de nosso filho!

— Cala-te! exclamou Margarida. Se me separo d'elle é porque já perdi minha filha, e não posso dizer que não a um pae, que espera que eu lhe salve a sua!

— Obrigado! disse elle n'um impeto de alegria. Oh! obrigado, senhora! É uma boa alma!...

Enxugou os olhos, e proseguiu sorrindo:

— Mas, agora me lembra, isto não é tudo; precisâmos ainda do consentimento de mais alguem...

— De quem, pois?

— Oh! É claro... O de Chiquinho!

Só então reparámos todos que a criança já alli não estava. Foi debalde que se chamou por elle e o procurámos por todos os cantos da casa. Para onde haveria ido, sem nos pedir licença, e sem o termos visto sair?

— Ah! meu rico senhor! Para que hei de estar mais tempo sem lh'o dizer?! Elle corrêra de seu motuproprio á casa de azulejo, assim que ouviu que a menina soffria pela sua ausencia e se achava peior n'aquelle momento; não escutava senão o seu coração, e ao tempo em que nós estavamos discutindo ainda, já elle se achava ao lado d'ella.

V

Desde aquelle dia Chiquinho viveu mais em casa d'essa familia do que na nossa. Todas as manhãs um criado de farda, que tinha para mais de um galão em cada costura, vinha buscal-o, e á noite apenas, muito tarde ás vezes, levava-o a casa.

Era esse para Margarida o momento feliz do dia. Com que impaciencia esperava o regresso do filho! Como o abraçava, como o obrigava a fallar! Depois, cada vez mais persuadida de que, se elle se prendia progressivamente de affeição á menina Eugenia, não nos estimava menos do que n'outro tempo, adormecia contente!

Não devemos esquecer as pequeninas satisfações de orgulho, que contribuiam docemente para a consolar; nosso filho andava magnificamente vestido, de veludo, de setim, de tafetá, sapatinhos finos, chapelinho com pluma; ao domingo, na missa, parecia um principe!...

Por isso tinham que ouvir os comprimentos invejosos da gente da terra:

— Viva! Viva! Como está taful o seu Chiquinho, sôra Margarida! Nem você s'ajuiza que os filhos do mestre de meninos até me estão a parecer nus ao pé d'elle! E que inda isto não é dizer tudo, porque já consta que elle anda a aprender como o que diz ao desenho e á musica. Verá vocemecê que lhe fazem d'elle um home sabio. Talvez que inda venha a dizer missa em Santa Quiteria. Tem-se visto fortunas, mas olhe que o seu rapaz sempre nasceu n'uma hora feliz!..

Ao ouvir estes ditos, como Margarida se emproava! como parecia satisfeita!

Porque tudo isto, senhor, era a pura da verdade. Chiquinho, que apenas conhecia as lettras ao tempo que chegou a familia do fidalgo, já principiava agora a ler correntemente; escrevia, contava, e dizia fabulas de cór. Todos d'aquella casa o cobriam de elogios. Uma occasião chamaram-nos lá, mandaram-nos entrar para a sala, sentámo-nos ambos em duas cadeiras estofadas, e o pequeno poz-se ao piano. D'esta vez quem foi que ficou encantado que parecia doido? Fui eu, eu e minha mulher, que desatámos a chorar!

— Margarida! disse-lhe, chamando-a de parte assim que cessou a musica; bem estás vendo que Deus te recompensa do teu sacrificio! Estás contente?

— Estou! respondeu-me ella; mas o que mais me encanta não é ver o fato e as prendas de Chiquinho!

— Ah!

— É outra coisa de mais valia ainda!

— O que é então!

— Olha para a menina.

O certo é que a menina parecia outra. O seu lindo rosto ganhára côr; os seus olhos negros brilhavam ainda muito, mas de um clarão doce e alegre, e o circulo sinistro que d'antes os rodeava, extinguia-se cada dia mais, como os nevoeiros do inverno perseguidos pela volta da primavera. A sua primavera era a mocidade, que lhe florescia de novo nas feições, no sorriso, nas fórmas menos debeis já, e até nos seus menores movimentos. Sentia-se que um sangue mais generoso lhe circulava nas veias, e ia dando vigor á sua preciosa pessoa; parecia á gente vel-o correr atravez da pelle transparente e rosada. Era uma metamorphose, uma resurreição!

— Não ha outra terra senão Giraldes, para fazer milagres d'estes! disse eu em voz baixa a Margarida.

Ella respondeu:

— Giraldes... e Chiquinho! Vê tu a côr fresca e sadia do nosso filho! Aquillo tem contagio, meu homem. Basta abraçal-o todo o dia, para ella já ter respirado vida!...

V

Estava-se em agosto, então. O tempo foi magnifico todo esse anno, e o sol pareceu amadurecer, como um bello fructo, a renascente saude da donzella. Deu-lhe ao rosto um tisne de bom agouro, e acabou por tornal-a forte e alegre. Já não precisava de ninguem para a amparar, e andava que era um regalo vel-a, correndo, brincando, e fazendo resoar sobre as maceiras o seu rir claro e argentino. A primeira vez que foi á nossa casa á hora de comida, disseranos: «Dêem-me cá do seu pão... Deve ser bem bom, esse pão trigueirinho!» Em fim, via-se que era tudo um prazer para ella, e que se sentia feliz por viver!...

Havia comtudo alguem mais feliz ainda... era Chiquinho. Tinha que ver, como elle pulava em redor d'ella, como o seu olhar era cheio de alegria, e como a accentuação da sua voz parecia um canto de triumpho!

Ao contrario d'isto, Margarida ia entristecendo cada vez mais. Visto ter-se realisado a salvação da menina, e Chiquinho não ser já essencial em casa dos fidalgos, queria ella vel-o voltar para a cabana, e o ciume materno, que a dominava, pozera-lhe um nevoeiro n'alma!

Todavia, tudo isto valia pouco ainda. O momento mais terrivel approximava-se; a familia do sr. Fonseca ia deixar Giraldes, e, segundo todas as probabilidades, queria levar Chiquinho.

Effectivamente, pelo meado do outono, appareceu-nos outra vez em casa o sr. Fonseca, mas já com o ar alegre e satisfeito.

— Venho provar-lhes que não sou ingrato! disse elle. Encarrego-me da educação de Chiquinho, de o estabelecer, e de lhe dar futuro. Mas é preciso ir comnosco, e entrar para um collegio. A separação será cruel, comprehendo-o bem; mas se estimam verdadeiramente seu filho, não tem que hesitar. Já não é por minha filha que lhes peço isto; é por elle!

E, como ficámos sem saber o que responder, acrescentou:

— Reflexionem á sua vontade; não partimos senão d'aqui a tres dias. Lisboa, de mais a mais, não é muito longe de Giraldes, e serão alli mui bem recebidos sempre que queiram ir ver o menino. Em quanto á maneira por que será tratado em nossa casa, basta lembrar-se quanto gostâmos d'elle; pelo que diz respeito ao seu futuro, repito-o, e dou-lhes a minha palavra de homem de bem, que hei de fazer por elle o que faria por um filho!



Os catatuás (papagaios da Australia)

Depois, em seguida a algumas boas palavras, saíu.

Apenas então me atrevi a olhar para Margarida.

Estava branca como a cal, e erguia para mim os olhos carregados de lagrimas.

Eu ia para fallar, mas fez-me ella signal para que me calasse, e, caminhando até mim, veiu cair-me nos braços a soluçar.

—Mulher... murmurei brandamente; vamos, mulher, animo!

—Oh! exclamou ella de repente. Se choro assim, é porque já consenti! Talvez isto me mate, mas o meu filho virá a ser instruido, rico, feliz... Partirá!

— Bem! disse eu abraçando-a. Sabes ser mãe, Margarida!

N'esta occasião entrou Chiquinho.

— Schiu! balbuciou ella. Enxuguem-se estas lagrimas, e tratemos de sorrir. A criança levaria o coração opprimido ao afastar-se, se soubesse que a sua separação nos causa tanta dor.

Os tres dias que se seguiram foram bem crueis para Margarida, e devem contar-se-lhe no ceo. Mas fez por mostrar boa cara, e, a não fallarmos n'umas scenas de ternura de que Chiquinho não podia affligir-se, para todos, excepto para mim, pareceu resignada.

Chegou a vespera da partida.

Até á noite, a pobre ficou suffocada n'uma atonia incrivel. Depois, de repente, poz-se a correr pela casa com uma especie de actividade febril. Tratava-se de arranjar a mala de Chiquinho.

De bocado em bocado interrompia-se na sua lida, e com uma voz cheia de amargura:

— Adeus! dizia, dirigindo-se a cada objecto que mettia na mala. Adeus! piuguinhas de lã, que eu fiz o inverno passado com tanta alegria; aqueçam bem aquelles pézinhos, este inverno que vem! Ai! camisinhas de panno patente, já não serei eu que as lave pelas minhas mãos! Adeus, adeus, reliquias adoradas do meu filho! Com as minhas lagrimas as cubro, e com os meus beijos! Que isto as fade bem!

Quando chegou a occasião de fechar a mala, como estava cheia de mais, debalde Margarida fez força com as suas duas mãos; foi preciso encostar-lhe eu o joelho: encontraram-se as nossas cabeças, e, sem dizermos nada, caímos nos braços um do outro com tanto desespero, como se a caixa collocada entre nós fosse o esquife para o nosso filho.

Durante toda a noite, Margarida teimou em ficar ao pé da caminha do pequeno, e cada vez que eu lhe dizia que viesse descançar um pedaço, respondia-me ella:

—Deixa: É a ultima vez que o vejo dormir.

Ás sete horas parou o carro á porta. Margarida estava serena e forte então; sorria através das lagrimas, e ninguem suspeitaria o que ella havia soffrido.

Mas Chiquinho adivinhou-a, e no ultimo abraço:

— Bem sei que isto lhe custa muito! disse-lhe ao ouvido. Minha rica mãesinha! Aqui estou eu, que vou triste por ter de os deixar! Mas paciencia e esperança! Não tornaremos a separar-nos mais, quando eu os houver enriquecido a ambos, e que já estiver um homem!

O sr. Fonseca e a senhora renovaram os seus protestos de amizade; a menina D. Eugenia quiz abraçar Margarida, e, subindo para a carruagem, fez sentar a criança a seu lado, cingindo-a nos braços, e disse-nos este ultimo adeus:

— Sou Catharina! Sou a sua irmã!...

Em quanto o carro trepou a ladeira do logar, a cabeça da donzella e a da criança mostravam-se constantemente por entre os foueiros, a sorrirem para nós.

Escusado é dizer que iamos atraz, a pé. Margarida punha a mão no carro, como querendo segural-o.

No fim da ladeira, os bois seguiram mais depressa: nós ficámos no meio da estrada, com os braços estendidos para diante, e o olhar fixo no carro em que fluctuava um lenço branco.

O carro desappareceu em fim.

— Ah! exclamou Margarida n'um gemido, caindo desfallecida nos meus braços. Ah! É o meu coração que váe alli!

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

OS CATATUÁS (PAPAGAIOS DA AUSTRALIA)

O papagaio, tão estimado pelo dom de nos imitar a falla, conta mais de cem especies, tanto no antigo como no moderno continente.

Buffon diz que nos primeiros tempos não conheceram os gregos mais que uma especie de papagaios ou periquitos, a que hoje chamamos «papagaios de Alexandre Magno», oriundos do continente da India. Foram trazidos da ilha Taprobana á Grecia pelo commandante da armada naval d'aquelle celebre conquistador; e tão raros eram então os papagaios na Grecia, que parece os não conheceu Aristoteles.

Porém a belleza das suas côres, e o talento de imitar a falla humana, em pouco tempo se tornou um objecto de luxo excessivo, principalmente entre os romanos, o que não escapou ás censuras de Catão. Tinham-nos as damas romanas em gaiolas de prata, de tartaruga, e de marfim; houve tempo em que o preço de um papagaio excedia muito o de um escravo.

É bem conhecida a mimosa elegia de Ovidio á morte do papagaio de Corina, traduzida maravilhosamente pelo sr. A. F. de Castilho, e reimpressa na sua paraphrase dos *Amores* d'aquelle poeta.

Quando os nossos descobridores dobraram pela primeira vez o Cabo da Boa-Esperança, e reconheceram as costas d'Africa, acharam as terras de Guiné e as do oceano Indico, povoadas de differentes especies de papagaios, todas desconhecidas na Europa. E tão numerosos são n'aquellas regiões, que em Calecut, Bengala e nas costas d'Africa, são obrigados os pretos e os indios a guardar e defender as sementeiras de milho e arroz, porque sem esta precaução seriam devastadas, n'um instante, pelos innumeraveis bandos d'estas aves.

Quando Christovão Colombo descobriu a America, os unicos animaes que encontrou nas plagas meridionaes do novo continente foram estes; por isso a muitas das ilhas a que primeiramente aportou deu o nome de «ilhas dos Papagaios», sendo elles os primeiros objectos de permutação e commercio que se estabeleceu entre os europeus e americanos.

Ha muitas historias de papagaios celebres, entre ellas a de um que foi apresentado ao principe Mauricio, quando os hollandezes invadiram o Brasil. Este papagaio, ensinado por um portuguez seu dono, sustentou perante o principe um dialogo mui chistoso, que fez rebentar de riso todos os ouvintes.

Conta-se tambem que o cardeal Ascanio tinha em Roma um papagaio que sabia cantar o credo, com todas as pausas para perfeição do sentido, tão bem como qualquer clerigo de missa.

Plinio diz que os romanos davam a beber vinho generoso aos papagaios para os tornar mais palradores. E certo que ha muitos homens que em estando bebedos não se calam!

Tem o papagaio por caracteristico generico quatro dedos nos pés, dois para diante, e dois para traz, com unhas mui recurvadas; o bico adunco, redondo e cortante pela parte debaixo, que é mais curta que a de cima; sendo esta movel e a outra immovel, singularidade notavel d'estas aves. Os pés e dedos são carnudos; a cabeça volumosa; o bico e o craneo mui duros, as ventas redondas. Como se fôra um terceiro pé, o bico tambem lhes serve para andar, para se pendurar nos ramos das arvores, e subir a ellas.

O papagaio tem o costume de apanhar e suster a comida com um pé, e leval-a assim ao bico, sustendo-se no outro como fazem as aves de rapina. Deu-lhe a natureza o bico forte e rijo para poder quebrar a casca dos fructos que a tem dura; e os pés com os dedos egualmente divididos para melhor se agarrar e segurar, ao contrario das outras aves que tem communmente tres dedos para diante e um para traz. É sujeito o papagaio a ataques de mal caduco, ou epilepsia, mas em geral vive muitos annos.

Além da habilidade que tem esta ave de imitar a voz humana, e os gritos e silvos de outros animaes, dão-lhe muita estimação as côres da sua plumagem, que variam segundo as especies e climas, mas todas são brilhantes, vistosas e matizadas.

Limitemo-nos agora a descrever a especie que representa a nossa gravura, que é a dos maiores papagaios que ha na Australia, e se julgam oriundos dos climas da Asia.

Chamam-lhe catatuás, cacatús ou kakatoês, talvez que da similhança que a sua voz tem com a articulação d'esta palavra.

São os catatuás todos brancos, com uma linda poupa de pennas compridas, que lhe corôa a cabeça, e que elles erguem e abaixam á sua vontade. Difficilmente aprendem a fallar, mas são mansissimos, faceis de educar, obedecendo aos signaes que lhes ensinam. Tomam amizade aos donos, o que não acontece de ordinario aos de penna verde.

Estes papagaios são mui ageis e expeditos; andam com bom ar e graça, trotando e dando saltos.

Conhecem-se cinco especies.

A SERRA DA ESTRELLA, SUAS ALAGOAS E RIOS

A projecção d'esta serra é na direcção de L. e O., e separa a provincia da Beira-alta da Beira-baixa.

Na altura da Ponte de Mocella estende um braço, e vae, ora mais elevada, ora mais abatida, formar a serra de Cintra e o Cabo da Roca, aonde acaba.

A parte, porém, de que vamos fallar, é a da sua maior altura, a montanha mais elevada do reino, que terá approximadamente 7500 metros acima do nivel do mar, ou 5850 metros acima da sua base, e que é a propriamente chamada «Serra da Estrella», e antigamente «Herminio», a 40 kilometros ao sul de Viseu.

Esta montanha não é volcanica, nem apresenta indicio algum de que o tivesse sido. Em nenhuma parte se encontra especie alguma de lava ou basalto: a pedra, em toda ella é simples granito, algum seixo branco, e cristal de rocha, e o terreno sempre mais ou menos anegrado e areiento, não se encontrando calcareo schistoso, marmore, lousa, ou giz de qualidade alguma.

Em toda ella não se vê uma arvore, a não ser proximo da base, ou em algum profundo valle cultivado por alguns montanhezes alli habitantes.

Até ao meio da sua altura acha-se apenas a urze e o tojo, e d'ahi para cima alguma urze, zimbro, e uma especie de feno ou junco fino, que tudo vae desapparecendo, e cobrindo-se de musgo, sendo esta a unica vegetação na sua maior altura.

As alagoas da serra da Estrella tem sido objecto de contos e fabulas. Dizia-se haver alli uma alagoa que era um verdadeiro olho marinho, que era insondavel a sua profundidade, que todas as tentativas que se haviam feito eram sempre infructiferas, ou seguidas de alguma desgraça, que o sabor de suas aguas era egual á do mar, que quando este se embravecia, repercutiam-se por aquelle respiradouro os movimentos e rugidos de suas ondas, que se ouviam a distancia de legoas, chegando-se a asseverar que appareciam fragmentos de navios naufragados. Taes absurdos cáem de per si mesmos, não necessitam de ser refutados.

A ascensão á montanha só póde effectuar-se no

mez de agosto, acompanhado de um bom guia e prático, pois de contrário fôra impossivel saír d'aquelle labyrinto de penedias. A meia altura da serra vêem-se alguns plainos e pantanos, semeados aqui e alli de differentes fórmas, entresachados de urzes e zimbros, e nos intervallos alcatifas de feno e musgo, que escorrega debaixo dos pés do curioso explorador. A estes planos inclinados segue-se a montanha chamada «Canariz», que é quasi toda de rocha viva, e em partes constantemente coberta de neve, fornecendo de seus geleiros as correntes que dão principio ás duas ribeiras do rio Alva, formando na sua base ao norte as alagoas Sêcca, Redonda e Comprida, e na encosta, em uma concavidade da penedia, a Escura.

A alagoa «Sêcca» é assim chamada, porque no verão pastam os gados no seu leito: não offerece particularidade alguma: não tem bordos elevados que deixem accumular grande quantidade de agua.

A «Redonda» é de figura circular, os bordos são mais ou menos engamellados, com um sangradouro ao N.E. por onde fornece a primeira nascente da ribeira do Alva. Tem esta alagoa 616 metros de circumferencia, e terá 5 metros de profundidade pouco mais ou menos, e está coberta de plantas palustraes em grande parte, mas no meio está limpa d'ellas. A sua agua não é demasiadamente fria, e é saborosa.

A «Escura» fica no meio da encosta formada entre penedia denegrida e elevados rochedos, e a sua circumferencia é muito menor que a das outras. D'esta alagoa é que se contam as estupendas maravilhas, de que já fallámos, e que ainda não foi bem observada e analysada.

O excedente de suas aguas corre para a alagoa «Comprida». Esta é com razão assim chamada, porque occupa uma grande extensão, de sorte que vista de certa distancia parece um rio, por causa de seu comprimento, estreiteza e tortuosidade. Pela sua situação um pouco mais inferior, recebe as aguas das outras alagoas, e as torrentes de neve e agua que se despenham de quasi todo o Canariz, fornecendo assim uma abundantissima nascente á outra ribeira do Alva, que vem reunir-se á primeira proximo da base de toda a serra, formando em seu trajecto grandes saltos e cascatas, com tão grande copia d'agua no inverno, que se vêem alvejar a algumas legoas de distancia.

É muito trabalhosa a subida da montanha Canariz, já por seu declive quasi perpendicular, já por ser formada de rochedos uns sobre outros. O cume d'esta montanha é a maior altura da serra da Estrella. Alli se vêem planicies de lages e musgo, pedras e rochedos de fórmas tão singulares, que parecem trabalhados pelos mais habeis artistas, bem como o parecem as suas excavações, entre as quaes se distingue um como tanque de figura triangular, aberto na rocha, de uma só peça, tendo na sua maior profundidade 2,64 metros, trasbordando por um lado agua mui cristallina, pura e saborosa. Ao N.E. d'esta montanha ficam as pequenas alagoas de Manteigas, assim chamadas por estarem a pouca distancia da povoação d'aquelle nome. D'estas alagoas e das vertentes adjacentes se fórma o rio Zezere, com tão abundantes nascentes, que mesmo no verão, na distancia de 10 kilometros, ao passar na villa da Covilhã, parece ter já um curso de mais de 70 kilometros. No cume, e para este mesmo lado (N.E.) ficam os promontorios chamados «Cantaros», uma das notabilidades da serra da Estrella.

O cantaro «Gordo» é uma montanha de rochedos cortada perpendicularmente pelo lado do norte, que vista de longe parece de figura conica, mas não é, porque do lado do sul se espraia pelo cume da serra, e fôra por este lado accessivel a não serem as permanentes massas de neve e gêlo; comtudo alguns curiosos atrevidos tem alli ido admirar a immensa profundidade d'aquelle córte.

O cantaro «Magro» é formado de negros e cavernosos rochedos, accumulados uns sobre outros, não podendo descrever-se melhor a sua configuração e perspectiva, senão comparando-o a um antigo e immenso castello desmoronado. Não é accessivel por parte alguma, e contém enormes massas de gelo e neve em suas cavernas. Suppõe-se que foram estes promontorios denominados «Cantaros» por algum genio poetico, em razão de serem alli as principaes nascentes do rio Zezere. D'aqui para o sul corre uma planicie (cume de toda a serra), que gradualmente se vae elevando para o sul, até cortar-se perpendicularmente a uma profundidade espantosa, sendo esta a parte mais alta da serra, e chamam a este sitio «O malhão da Estrella».

O curioso observador fica maravilhado ao chegar a este ponto, vendo em redor todo o horisonte, que só é terminado pela convexidade do globo. Para o nascente vêem-se terras de Hespanha, para o sul a Beira-Baixa, e Alemtejo, para o poente e norte a Beira-Alta e Douro, tanto quanto se possa alcançar, para qualquer parte, com um bom oculo, porque nenhum obstaculo o impede. Alli, como méta da maior altura, se acha collocada uma pyramide quadrangular de 11 metros de elevação, feita de pedra á esquadria, que para servir de ponto a levantar a carta geographica do reino, mandou fazer o principe regente D. João, no anno de 1806, como attesta a inscripção n'ella gravada do lado do norte.

O rio Mondego não só não tira a sua nascente das alagoas, como geralmente se crê, mas nem dos geleiros do Herminio. O seu principio é sim na mesma cordilheira no meio de montanhas menos elevadas, e a distancia de 10 kilometros do Canariz.

Diz-se que o nome «Mondego» lhe viera de uma pequena povoação junto á sua origem chamada Monda. Este rio precisa dar grandes voltas para se desembaraçar da cordilheira onde nasce, correndo para L. até perto da cidade da Guarda, d'onde volta ao N. até Celorico, e d'ahi endireita a sua carreira a O., dando ainda muitas voltas até á Figueira, onde se perde no mar depois de um curso de mais de 30 legoas.

O «Zezere» depois de uma despenhada corrente, vae junto a Villa-Nova de Constança desaguar no Tejo.

O «Alva» precipitando-se de grandes quebradas, formando vistosas cascatas, correndo espumante por entre rochedos, ora caindo com horroroso bramido em fundas cisternas, que com suas puras, cristallinas e frigidissimas aguas tem aberto na rocha, ora occultando-se em cavernas, indo sempre encostado á cordilheira d'onde sae, vae encontrar-se com o Mondego no logar da Foz d'Alva. Suas margens montuosas e escarpadas são ricas em minas de oiro, que os romanos, os arabes, e outros possuidores do paiz, d'ellas extrahiam, como ainda se vê das muitas excavações nas proximidades do rio. Estas excavações não são fundas, e conhecem-se pelos montões de pedra denegrida que os operarios lançavam para traz, e pela terra vermelha e fina. O leito do rio em algumas partes tem areias, e ainda hoje alguns habitantes das suas proximidades se occupam em extrahir o oiro que n'ellas se encontra em quantidade, á feição de pequenas palhetas.

Todos estes rios são abundantes de peixes saborosos de varias especies, sendo os principaes o barbo, a boga, a enguia, e a truta, que é o melhor e mais estimado d'elles. Em toda a serra ha muita

quantidade de perdizes e coelhos, mas estes não passam do meio da serra para cima. Nas alagoas e pantanos ha patos bravos, e em toda a parte immensidade de milhafres, mochos, hujos ou bufos, e tambem algumas aguias; porém as avesinhas que habitam os campos, essas fogem d'aquelles frios e ermos logares. Tambem n'aquellas alturas não ha moscas, nem outros insectos, nem reptis, mas em troco ha pelas cavernas lobos que vão assaltar frequentemente os rebanhos de milhares de cabeças de gado lanigero, que pasce nas faldas da serra.

Nos valles aonde ha algumas mattas, tambem se encontram alguns javalis, e muita vibora.

Tal é a serra da Estrella, por tantos respeitos curiosa e digna de ser conhecida de todos, não só pelo que ella em si encerra, mas por ser a morada dos antiquissimos lusitanos, de quem procedem ainda a maioria dos actuaes habitantes d'aquelles inhospitos logares.

Esta serra, vista a distancia, do lado do norte, é magestosa, e simelha-se a um immenso navio virado de quilha para cima, ficando-lhe no meio, elevados, os dois promontorios dos Cantaros, e apresentando sempre a extremidade do sul, espaços alvejantes de neve. Da parte do sul, isto é, da parte da Beira-Baixa, é bem differente a perspectiva; não tem magestade, nem belleza, apresentando sómente á vista de uma reunião de montanhas e picos, mais ou menos elevados. Na falda da serra, de um e outro lado, ficam fertilissimos campos, e muitas e industriosas povoações. [1]

MIGUEL XAVIER MERCIER D'ALMEIDA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

PERGUNTA

Dizem quasi todas as nossas grammaticas, que o verbo que se seguir ás phrases: *um e outro: nem um nem outro:* póde, indifferentemente, ficar no singular ou ir ao plural. Mas não apontam a razão d'esta faculdade, nem especificam quando se deve preferir um a outro numero; de sorte que só a muita lição dos bons auctores nos póde ensinar qual é a concordancia mais conforme á indole da nossa lingua.

V. sabe que não são communs, nem baratos, os livros classicos. Nas provincias não ha bibliothecas: os professores primarios são em geral pobres. Bom serviço lhes faria o *Archivo*, que recebem gratuitamente, se a esta e similhantes duvidas de syntaxe fosse dando solução, auctorisada pelos mestres da lingua. — *Um professor de instrucção primaria.*

RESPOSTA

Já temos dito, e repetimos, que todas as duvidas tocantes á grammatica e pureza da nossa lingua, serão n'este semanario recebidas de boamente, e resolvidas segundo as melhores auctoridades que sobre ellas consultarmos [2]. As que nos enviarem os srs. professores de instrucção primaria hão de ter a preferencia, pelas judiciosas ponderações que nos faz este a que vamos dar attenção.

É certo que as nossas grammaticas incorrem na omissão que lhes nota o zeloso professor, inclusivè a chamada philosophica de Jeronymo Soares Barbosa, ultimamente adoptada nos lyceus, sem justificação plausivel, excepto se a preferiram por ser mais volumosa e mais cara!

Tratemos pois de resolver a questão proposta pelo nosso correspondente.

A regra de syntaxe é que o verbo concorde em numero e pessoa com o sujeito. Logo, nos exemplos: *um e outro: nem um nem outro:* que são synonimos de *ambos*, o verbo deve ir ao plural. Diremos correctamente: Um e outro *são* excellentes professores. Nem um nem outro *prestam* para nada.

Assim o prescrevem as regras da syntaxe. Mas como esta se divide em syntaxe natural ou regular; e syntaxe figurada ou irregular; podemos tomar o arbitrio, que esta nos faculta, de preterir as regras da concordancia natural, para que a phrase fique mais concisa, com tanto que lhe não obscureça o sentido.

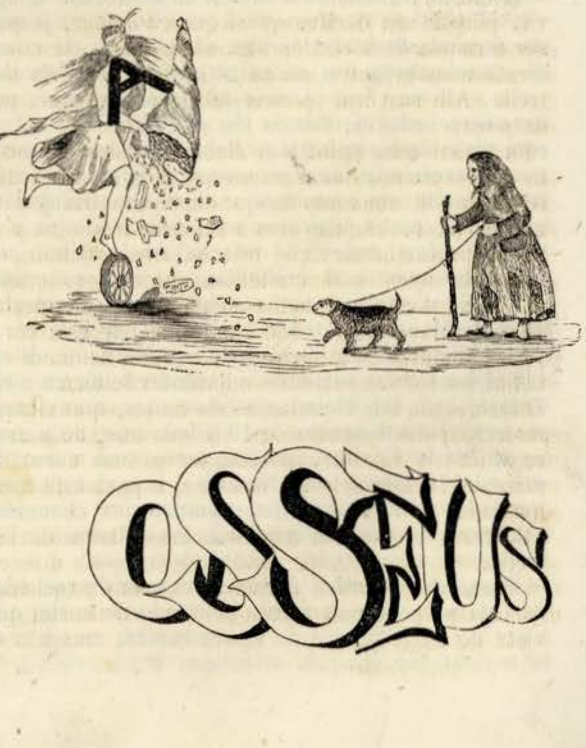
Nos exemplos referidos, podemos usar da syntaxe figurada, porque ambas aquellas phrases ficam mais concisas, e sem ambiguidade, d'este modo: Um e outro *é* excellente professor: Nem um nem outro *prestam* para nada.

Todos sabem que o officio da syntaxe figurada é abbreviar e tambem ampliar, conforme convier, tanto para a energia como para a harmonia do periodo. Para conseguir estes effeitos, recorremos á syntaxe figurada, quando a natural os não produz. Eis em que se funda o arbitrio da concordancia do verbo, ora no singular ora no plural, posposto ás phrases: *um e outro: nem um nem outro.*

Os grammaticos explicam esta faculdade de preterir as regras da concordancia natural, pela figura chamada syllepse, que quer dizer *concebimento*, por que realmente se empregam palavras cujo sentido, differente do que ellas tem, se concebe no nosso entendimento. Mas para estudantes de instrucção primaria, parece-nos bastante, e mais comprehensivel, a demonstração que acabamos de dar.

Quanto ao uso dos classicos, diremos que em geral seguem a syntaxe figurada, isto é, preferem o verbo no singular, quando usam de *um e outro, nem um nem outro;* pela razão de que os pluraes, commummente, affrouxam e monotonisam o periodo.

ENIGMA



[1] Os que quizerem haver noticia mais ampla d'esta famosa serra de Portugal, podem consultar o opusculo do cons. Alexandre de Abreu Castanheira intitulado: *As alagoas da serra da Estrella.* E sobre as tradições fabulosas que d'ella ha, a *Academia de Humildes e Ignorantes*, e nota a pag. 301 do t. I da Geographia de Urcullu.

[2] Aproveitâmos esta occasião para communicar ao nosso correspondente que assigna *Fabio*, ter-se-nos extraviado a sua ultima carta sobre questões grammaticaes. Se tiver a complacencia de nos mandar segunda via, promptamente lhe responderemos.